

*Assomaram no alto da falésia ao sol do final da tarde, projectando sombras que se alongavam sobre o manto de carriço e de junça queimada, a caminhar vagarosamente e em fila indiana muito acima do rio, trazendo nos gestos laivos da implacabilidade daquele curso de água, depois fizeram uma pausa e agruparam-se por momentos antes de retomar a marcha, alinhados em silhueta contra o Sol, e em seguida desceram para trás da crista do monte e penetraram numa prega de sombra azul, com a luz a tocar-lhes em volta da cabeça numa santidade espúria, até terem caminhado durante tanto tempo que viram o Sol sumir-se por completo atrás do horizonte e prosseguiram então na mais completa treva, que tão bem condizia com eles. Quando alcançaram o rio, a escuridão era absoluta e acamparam e atearam uma pequena fogueira diante da qual as suas formas se moviam num bailado negro e sem nome. Cozinharam o que quer que fosse que traziam consigo nuns quaisquer recipientes toscos de que se serviam e deitaram-se para dormir, esparramados na lama dura, vestidos dos pés à cabeça, de boca aberta para as estrelas. Despertaram ao raiar da aurora, com o de barbas a erguer-se e a desferir pontapés nos outros dois para os arrancar do sono, e ainda sem trocarem uma só palavra reavivaram o lume e pousaram em volta os seus canecos amolgados, acorados sobre os quadris, e comeram novamente em silêncio, usando as facas que traziam à cinta, até que o de barbas se pôs de pé e ficou de pernas abertas diante do fogo e encerrou os outros dois num penacho branco e fétido de fumo do seio do qual eles assomaram, rompendo a esbracejar bruscamente e sem aviso prévio e sem articularem palavra, antes de se aquietarem com igual brusquidão, para logo pegarem nas roupas grosseiras e andrajosas e se afastarem de novo para oeste ao longo do rio.*



Ela sacudiu-o até o acordar, trazendo-o para o seio das trevas silenciosas. Chiu, disse. Pára de berrar.

Ele soergueu-se. O quê? soltou. O quê?

Ela sacudiu-o até o acordar, trazendo-o das trevas para as trevas, libertado da turba vociferante sob um Sol negro para logo penetrar numa noite mais gemebunda, ali sentado a lançar imprecações em surdina na cama que partilhava com ela e com o peso sem nome no ventre dela.

Despertara deste sonho:

Havia um profeta no meio de uma praça, de braços erguidos em exortação à chusma de indigentes ali reunida. Uma delegação de farrapos humanos que se comprimiam em volta dele com olhos cegos volvidos para o alto e cotos de pele franzida e chagas lazarentas. O Sol pendia da cúspide do eclipse, e o profeta dirigiu-lhes a palavra. Dentro de instantes, o Sol iria apagar-se, e, antes que tornasse a surgir, todas aquelas almas seriam curadas dos padecimentos que as atormentavam. E o próprio sonhador estava enredado entre os suplicantes e, quando o profeta os abençoou e o Sol começou a enegrecer, abriu caminho até à primeira fila e ergueu o braço e chamou em altos brados. Eu, gritou. O meu mal tem cura? O profeta baixou os olhos, como que surpreso por o ver ali, entre tais párias. O Sol deteve-se. E ele disse: Sim, julgo que talvez te venhas a curar. Foi então que o Sol sucumbiu e as trevas tombaram como um grito. A derradeira orla de luz, fina como um arame, desapareceu, furtiva. Eles esperaram. Nada se movia. Esperaram muito tempo e o ar ficou gélido. Acima deles pairavam as estrelas de outra estação. Começou a espalhar-se

um desassossego e um restolhar de murmúrios. O Sol não regressava. O tempo arrefeceu e o negrume e o silêncio adensaram-se, e alguns começaram a soltar brados e outros perderam a esperança, mas o Sol não regressou. Então o que assim sonhava ficou cheio de medo. Vozes elevavam-se contra ele. Estava preso na multidão, e o fedor dos andrajos daquela gente invadia-lhe as narinas. Eles fervilhavam e mostravam-se cada vez mais desenfreados, e ele tentou esconder-se no meio deles, mas os outros reconheceram-no mesmo naquele abismo de treva sem esperança e caíram sobre ele com urros ultrajados.

Ao amanhecer, ouviu o carrilhão das quinquilharias do bufarinheiro a soar longamente através dos bosques e levantou-se da cama e encaminhou-se para a porta em passo trôpego, para ver que novo infortúnio seria aquele. Há uns três meses que ninguém vinha até à choupana, e ele próprio irrompia no aceiro, atormentado e com expressão enlouquecida, para afugentar com gestos largos quem quer que, trazido pelo acaso ou por obscuros propósitos, visitasse um lugar tão remoto, e uma vez por semana ele próprio calcorreava penosamente a lama primaveril ainda fresca ao longo de seis quilómetros até à loja, mais outro tanto no regresso, para comprar as poucas coisas de que necessitavam. Farinha de milho e petróleo. E reбуçados para ela. Quando o bufarinheiro surgiu a puxar a carroça tonitruante através da clareira, num charivari ébrio, ele barrou-lhe o caminho com um esbracejar desenfreado, como alguém a repelir uma maldição. O bufarinheiro ergueu os olhos, uma pequena criatura semelhante a um gnomo coroada por um emaranhado de cabelo grisalho, a observá-lo com olhos cinzentos e suaves.

Há maleita ruim nesta casa, gritou ele. Temos aqui maleita ruim.

O bufarinheiro deu alguns derradeiros passos curtos, fincando os pés na terra para deter o ímpeto da carroça como uma mula teimosa, estacou e pousou os varais no chão e passou sobre a testa a manga do casaco azul esfarrapado. Que género de maleita? perguntou.

O homem caminhou ao encontro dele, ainda a agitar uma mão, as solas das chancas presas com cavilhas de madeira tão silenciosas no fofo tapete de agulhas de pinheiro, o único som na clareira o dos baldes do bufarinheiro a pendulearem com um tinido metálico, aquietando-se aos poucos.

Um resfriamento febroso qualquer, desses que por aí há, explicou o homem. É melhor não te acercares mais.

O bufarinheiro inclinou a cabeça. Tens a certeza de que não são bexigas.

Não. O médico já cá veio. Disse pra eu não deixar ninguém entrar. Quem é. Um dos cachopos?

Não. É a minha irmã. Não mora aqui ninguém a não ser eu e ela.

Bom, desejo as melhoras a ela, seja lá como for. Vocês os dois precisam dalguma coisa? Eu cá tenho tudo o que preciso numa casa de família, desde fio de coser até caçarolas pra irem ao lume. Tenho umas facas boas a valer. Tenho pólvora da Dupont e cartuchos prontos a carregar de quase todos os calibres. Tenho café e chá pra quando vem o pregador. Tenho — o bufarinheiro baixou a voz e olhou em volta com ar astuto — tenho o melhor *whiskey* de milho que alguma vez te correu pela goela abaixo. Sobra-me um boião, preveniu com o dedo erguido.

Não tenho dinheiro nenhum, disse o homem.

Bom, disse o bufarinheiro, com ar pensativo. Escuta. Eu gosto de dar uma mãozinha às pessoas quando posso. Tens alguma coisa lá por casa que andasses a ver se conseguias destrocar por outra? Éramos capazes de acordar uma barganha, a gente os dois. Um presente novo e loução talvez desse mais ânimo à tua irmã, pra ela se sentir melhor. Trago aqui uns gorros mesmo bonitinhos...

Não, replicou o homem, revolvendo o pó do chão com a biqueira do sapato. Eu cá não tenho precisão de nada. Mesmo assim, agradeço-te muito.

Nada prà senhora?

Não. Ela lá vai melhorando assim-assim, obrigado.

O bufarinheiro olhou por cima do ombro do outro, para a cabana decrépita. Escutou o silêncio que os rodeava a ambos, ali parados. Olha pràqui, disse.

O que é, indagou o homem.

Ele executou um gesto com o indicador curvado. Eu mostro-te, anda, disse. Aqui.

O que é?

O bufarinheiro curvou-se e pôs-se a remexer entre as suas bugiganças, vasculhando num saco de lona gordurosa. Retirou de lá um pequeno panfleto e estendeu-o ao homem com expressão maliciosa.